Febre Maculosa

Autor(res)

Thiago Souza Azeredo Bastos
Eduardo Marques Vieira
Juliana Dias Martins
Stiwens Roberto Trevisan Orpinelli

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

FACULDADE ANHANGUERA DE ANÁPOLIS

Introdução

A febre maculosa é uma zoonose de grande importância em saúde pública, causada por bactérias do gênero Rickettsia, especialmente Rickettsia rickettsii. Trata-se de uma doença infecciosa transmitida pela picada de carrapatos, sendo o Amblyomma sculptum (conhecido como carrapato-estrela) o principal vetor no Brasil. A enfermidade apresenta ampla distribuição nas Américas, com elevada letalidade quando não diagnosticada precocemente. No Brasil, sua ocorrência é mais expressiva em regiões do Sudeste, mas casos já foram relatados em diferentes estados.
O impacto da febre maculosa ultrapassa o campo médico, pois envolve questões ambientais e de manejo animal, uma vez que equídeos, cães e outros animais podem servir como hospedeiros dos carrapatos. A gravidade da doença, associada à inespecificidade dos sintomas iniciais, torna o diagnóstico clínico desafiador, exigindo atenção redobrada dos profissionais de saúde. O tratamento rápido com antibióticos específicos é determinante para reduzir a mortalidade. Assim, compreender os mecanismos de transmissão, a apresentação clínica e as medidas preventivas é fundamental para o controle e a redução do impacto da febre maculosa na população.

Objetivo

O objetivo deste trabalho é revisar os principais aspectos da febre maculosa, abordando sua etiologia, formas de transmissão, manifestações clínicas, métodos diagnósticos, tratamento e medidas de prevenção, ressaltando sua relevância em saúde pública e a necessidade de vigilância epidemiológica.

Material e Métodos

O presente estudo foi elaborado por meio de pesquisa bibliográfica em livros de doenças infecciosas, artigos científicos disponíveis em bases como SciELO, PubMed e Google Scholar, além de documentos oficiais do Ministério da Saúde e da Organização Pan-Americana da Saúde. Foram selecionadas publicações dos últimos 15 anos, priorizando materiais que abordassem a epidemiologia da febre maculosa no Brasil, a biologia do vetor, o quadro clínico em humanos e os protocolos de diagnóstico e tratamento.
Os critérios de inclusão abrangeram trabalhos que apresentassem dados atualizados, estudos de revisão sistemática e relatórios de vigilância epidemiológica. Excluíram-se fontes com informações não científicas ou sem

respaldo acadêmico. Após a coleta, as informações foram organizadas e analisadas de forma descritiva, a fim de sintetizar os principais pontos relevantes à compreensão da doença.

Resultados e Discussão

A febre maculosa se manifesta clinicamente de forma inespecífica nos estágios iniciais, com sintomas como febre alta, cefaleia intensa, mialgia, náuseas e mal-estar. Com a progressão, surgem exantema característico (manchas avermelhadas na pele), podendo evoluir para formas graves com comprometimento neurológico, respiratório e renal. A taxa de letalidade pode ultrapassar 30% quando não há diagnóstico e tratamento precoces.

O agente etiológico, Rickettsia rickettsii, é transmitido pela picada de carrapatos infectados, que necessitam de certo tempo de fixação no hospedeiro para efetuar a transmissão. No Brasil, equinos, cães e animais silvestres atuam como hospedeiros amplificadores ou de manutenção do vetor, favorecendo a persistência da bactéria no ambiente.

O diagnóstico é dificultado pela semelhança clínica com outras doenças febris, como dengue, leptospirose e viroses respiratórias. Exames laboratoriais como sorologia (imunofluorescência indireta), PCR e biópsia de lesões cutâneas auxiliam na confirmação, mas o tratamento deve ser iniciado com base na suspeita clínica, sem aguardar resultados. O antibiótico de escolha é a doxiciclina, sendo fundamental iniciar até o 5º dia de sintomas para reduzir o risco de complicações fatais.

No campo da saúde pública, a febre maculosa representa desafio pela dificuldade de controle do vetor em áreas rurais e periurbanas. Campanhas educativas são essenciais para orientar sobre a prevenção, como evitar áreas infestadas por carrapatos, uso de roupas adequadas em ambientes de risco, inspeção do corpo após atividades rurais e manejo correto de animais hospedeiros.

Discussões recentes ressaltam a importância da vigilância epidemiológica integrada entre saúde humana, animal e ambiental, alinhada ao conceito de Saúde Única (One Health), considerando o papel dos animais e do meio ambiente na dinâmica da doença.

Conclusão

A febre maculosa é uma zoonose grave, de alta letalidade, que exige diagnóstico precoce e tratamento imediato. A associação entre fatores ambientais, presença de carrapatos e animais hospedeiros torna sua prevenção complexa. Portanto, o conhecimento da população e a atuação integrada entre profissionais de saúde, médicos veterinários e órgãos de vigilância são essenciais para reduzir sua incidência e mortalidade.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Guia de Vigilância em Saúde. 5. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2021.

DANTAS-TORRES, F. Rocky Mountain spotted fever. The Lancet Infectious Diseases, v. 7, n. 11, p. 724–732, 2007.

LABRUNA, M. B. Ecology of Rickettsia in South America. Annals of the New York Academy of Sciences, v. 1166, p. 156–166, 2009.

SOUZA, C. E.; PEREIRA, R. S.; LABRUNA, M. B. Febre maculosa brasileira: aspectos epidemiológicos e diagnóstico. Revista Brasileira de Parasitologia Veterinária, v. 17, supl. 1, p. 1–9, 2008.

WHO – World Health Organization. Rickettsial diseases. Geneva: WHO, 2020.